

"MORREU MUITA GENTE POBRE. FOI UMA TRAGÉDIA!" MEMÓRIAS DA CÓLERA NO PARÁ¹

Jane Felipe BELTRÃO

(Professora do Departamento de Antropologia – Belém/UFPA)

Resumo: Durante a recente epidemia de cólera (1991/92), o número de vítimas foi elevado e, embora os enfermos se recuperassem rapidamente, muitas vezes recusavam em deixar o hospital. Longando nos olhos ao passado, descobri que a representação da doença, que parecia presa a antigas estruturas, produzia uma preocupação aparentemente descabida nos dias de hoje, quando o tratamento é rápido e eficaz. Logo começaram a emergir as histórias de outrora, nas quais o narrador, não-protagonista do evento, apresentava imagens terríveis da primeira epidemia de cólera, ocorrida há 144 anos. Ouvir, coletar, cotar e analisar as memórias que saíam do baú de recordações dos coléricos, de seus parentes e de outros protagonistas da recente epidemia. Revoltando o baú, encontrei as chaves que me permitiram pensar da memória à história da cólera que, ainda hoje, atemoriza os parenses. No trabalho, apresento os fios da trama que permitem conhecer, a partir dos protagonistas da epidemia de 1991/92, um flagelo do século XIX.

A pesquisa que dá origem ao trabalho iniciou-se durante a última epidemia de Cólera ocorrida no Brasil, em novembro de 1991, quando o Hospital Universitário João de Barros Barreto – HUJBB, instituição ligada à Universidade Federal do Pará – UFPA e unidade de referência para a epidemia, formulou programa interdisciplinar denominado *A Epidemia de Cólera e a Qualidade Ambiental no Estado do Pará: Estudo Integrado*. Tal iniciativa objetivava compreender o evento em todas as suas nuances para melhor atender aos coléricos. No programa, a autora coordenou os trabalhos referentes à análise social da enfermidade.

¹ Para uma leitura ampliada do assunto, conferir: BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, flagelo de Belém de Goiás-Pará*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1999, mimeo.

Os dados sociais referentes à epidemia alimentavam o programa sobre o comportamento das vítimas, dos parentes dos enfermos e de seus vizinhos, bem como auxiliava a equipe nas tarefas de ação para saúde. O número de vítimas era crescente e, embora os enfermos se recuperassem rapidamente, muitas vezes relutavam em deixar o hospital. Lançando um olhar ao passado descobriu-se que a representação da doença parecia presa a antigas estruturas, produzindo uma preocupação, aparentemente, descabida nos dias de hoje, quando o tratamento é rápido e eficaz. Logo começaram a emergir as histórias de outrora, nas quais o narrador apresentava imagens terríveis da epidemia de cólera ocorrida há mais de um século.

Maria ofereceu uma das chaves para o entendimento do medo que tomava conta dos coléricos e de seus parentes. Revirou o baú das recordações e contou:

minha avó lembrava, dizia que perto da casa dela, naqueles tempos antigos, um homem morreu. Era conhecido da finada sua mãe. Era a coisa mais feia. Pele todinha enrugada, parecendo maracujá velho, de gaveta, num tinha voz, dos olho só aparecia o branco, tava virado, feio, era bem dizê um morto vivo. Tinha uma sede, muita sede ... baldeava e se esvala muito, mas muito mesmo. Num tinha controle. O corpo dobrava pra frente, parecia macaco, baixava a cabeça, levantava o pé. Num tinha senso. De preto que era, ficou branco. Tinha cólica adoidado, caíbra na barriga, nas perna. Ela dizia que foi a tal de Cólera, foi uma tragédia. Como ele, muitas se foram. Morreu muita gente pobre como a gente, o povo gemia, todos choravam e ninguém fazia nada. Era a gente mesmo que acudia, os parente, os vizinhos. Não tinha médico nem hospital. Não tinha prazo, ficava pelo chão, ali sem enterrá ... morria tudo. Era imundo feito chiqueiro, já pensô? É disso que tenho medo! Meu irmão num vai morrê? Nós não tem nada, nem de comê ... Isso num vai repeti?²

² Maria era "dona de doente" internado no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB). Após a alta do irmão, concedeu entrevista à Jane Felipe Beltrão, em janeiro de 1992. Diz-se dona(a)

O depoimento de Maria não foi o único. Outras histórias foram ouvidas. Na verdade, os depoimentos subsequentes ratificaram nuances e detalhes do depoimento que indicou caminhos.³ É necessário observar que nenhum dos pacientes, atendidos no HUIBB, apresentou um conjunto de sintomas tão aterrador. A epidemia de 1991, em que pese o descaso das autoridades sanitárias, não teve a mesma repercussão da epidemia de 1855, embora o Pará estivesse sitiado pela falta de recursos.

A memória social dos paraenses, à luz da recente epidemia, fez aflorar preconceitos em relação à doença até então adormecidos. Os doentes também sofreram com o preconceito e viram surgir discussões e, por vezes, conflitos com seus parentes e/ou vizinhos. "A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças," como ensina Bosi.⁴ Tal fato comprometia o trabalho desenvolvido através de visitas domiciliares realizadas pela equipe do Hospital nas áreas de ocorrência da Cólera. Àquela altura, recorreu-se à literatura sobre o evento passado e procurou-se interrogar o que, naquele passado influenciava o comportamento presente dos coléricos, pois "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado."⁵ E assim, refazendo as relações

de *dever* da pessoa que cuida do doente e *dever* por ele no momento aflitivo. No caso estudado, os(as) *doença(s)* de *dever* costumavam ser parentes ou vizinhos dos coléricos. O nome da informante é fictício para resguardar a sua identificação, conforme os princípios da ética antropológica. A transcrição do depoimento é fiel à fala da informante. Os erros em relação ao português culto revelam a eloquência do depoimento que assumeu tom dramático, teatral. É importante asseverar que a cultura popular estabelecida pelo costume, alimentada pela experiência e transmitida através de exemplos, contrasta com a cultura educada, como ensina THOMPSON, E. P. "La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII: ¿Lucha de Clases sin Clases? In: *Tradición, Rituales y Convencións de Clase*. Barcelona, Crítica, 1979: 40.

³ As conversas intermitentes sobre a cólera nos corredores do hospital e nas enfermarias despertava a memória adormecida, nada como momentos de aflição – doença, risco de vida, ameaça de morte – para, como ensina Pedro Nava, despertar: "costumes de avô, respostas de avô, receitas de comidas, crenças, cangaços, superstições ..." (1999: 9) que duram e são passadas adiante nos palestras que indicam conhecimento de situações similares, as quais temos obrigação de evitar, por força da preservação da dita tradição. Sobre o tema memória e manutenção de tradições, consultar: NAVA, Pedro. *Boi de Ouro*. São Paulo, Anelli Editora/Giordano, 1999.

⁴ Cf. BOSI, Eclia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, Cia das Letras, 1994: 53.

⁵ *Ibid.*, 1993: 55.

estabelecidas entre os sujeitos e as coisas lembradas, a equipe do hospital conseguiu reorientar o seu programa de prevenção à Cólera.

O que a princípio era uma tarefa complementar, tomou corpo e ganhou independência em função da existência de farta documentação sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Pará. Ao analisar os registros descobriu-se que a epidemia de Cólera ocorrida em 1855 foi, sem sombra de dúvida, um dos eventos mais dramáticos do período, constituindo-se em *locus* privilegiado para compreender a sociedade paraense em crise.

O trabalho,⁶ ora apresentado, tem por objetivo rever a epidemia de cólera ocorrida em Belém, no século XIX,, incorporando a experiência das gentes ameaçadas, afetadas e mortas pela cólera, cujas lembranças, ainda, produzem medo.

Estudar a Cólera no Grão-Pará é resgatar à História, as gentes⁷ que, nos anos 40, 50, 60 do século XIX, ainda cuidando das feridas abertas pela Cabanagem,⁸ debateram-se com as diversas epidemias⁹ que assolaram a Província.

Apesar da saga vivida pelos paraenses e de sua importância enquanto protagonistas da epidemia de cólera de 1855, sua História foi, sistematicamente, negligenciada, sobretudo pelo obsequioso silêncio das fontes documentais em relação aos protagonistas do evento. Silêncio capaz de produzir armadilhas, pois os escribas prestavam obséquios e eram submissos às autoridades provinciais e imperiais. Portanto, decidir pela inclusão da visão dos protagonistas

⁶ Embora nascido do desafio de compreender o universo cultural do paciente atendido pelo HUIJUB durante a epidemia de cólera, não se confundiu com o Estado Integrido II realizado. Registra-se agradecimento à equipe do hospital e, sobretudo, à Dra. Elisa Vianna Sô, diretora da instituição à época, pela oportunidade de trabalho e pelo aprendizado dos tempos de Cólera.

⁷ Estudar as gentes do Grão-Pará pode, a princípio indicar homogeneização, mas recorrendo à expressão *coeva*, as gentes, encontra-se referência à pluralidade étnica existente na Província, onde não há gente, mas gentes, várias e diversas. A expressão *as gentes* é associada à diversidade cultural que aponta à desigualdade social, sobretudo no caso de negros escravos ou libertos, índios escravos ou livres e cabanos de todos os matizes. As gentes remete à exclusão social existente na Província. A expressão é utilizada nos documentos de época e pela literatura *coeva* para indicar pessoas de raras, pobres, portanto gente de carne e osso com costumes, tradições, falares e procedimentos específicos, que serão apresentados ao longo deste exercício acadêmico.

⁸ Sobre as dificuldades nos tempos da Cabanagem, conferir RAROL, Domingos Antônio, *Maré Política*. Belém, UFFPA, 1970 (1890) especialmente o capítulo XIV, p. 974-1006.

⁹ Entre elas Febre Amarela, Varíola, Sarampo e Febres Intermitentes, além da Cólera.

do evento estudado significa buscar suas ações e reações. Tornou-se necessário, para atingir o objetivo, ler as fontes habitualmente utilizadas pelo historiador buscando informações fragmentadas nas entrelinhas dos documentos, fora do *corpus* central do conteúdo explícito, ampliando assim o raio de ação da pesquisa documental.¹⁰ “Trata-se de reunir dados muito dispersos e de esmiuçar o implícito ...,” como ensina Dias.¹¹

As lembranças de Maria trazem à tona as dificuldades dos tempos de epidemia, entre elas a Cólera, do tempo que sucedeu, na Província, a Cabanagem. Percorrendo a cronologia dos eventos primeiramente, os paraenses sofreram com os rigores da rebelião cabana durante quatro anos, de 1835 a 1839. A seguir, padeceram sob o tacho da repressão desencadeada pelos vitoriosos, ligados às fileiras imperiais.

Mais tarde, em 1850, quando a Febre Amarela invadiu o Grão-Pará, as lideranças cabanas que sobreviveram “... a queimada da pústula maligna com ferro em brasa,”¹² encontravam-se, ainda, desterradas e a orfandade e a viuvez pelos mortos e desaparecidos eram feridas por cicatrizar. Eram passados dez anos, mas a sede de vingança dos leais partidários do Império não tinha sido suficientemente aplacada.

As vítimas da Cabanagem são incontáveis, Souza Franco informa:

[a] rebelião do Pará começada em janeiro de 1835 deu lugar a uma quantidade de processos. Dos que pude examinar consta que foram pronunciados 2.085, presos 206, falecidos 504. No número desses últimos só estão incluídos os rebeldes reconciliados e pronunciados. Não se contam entre os primeiros os que estão a simples juramento.

¹⁰ Sobre a ampliação do raio de ação de historiadores, confira WEBER, Beatriz Teixeira. *As Artes de Citar: Método, Retórica, Magia e Posicionamento na República Rio-Grandense – 1880/1928*. Campinas, Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, 1997: 10, mimeo. Consultar, ainda, SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Não Trásteiros da Casa – As diferenças sociais no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas, Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, 1995: 42-44, mimeo.

¹¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1995, p.14.

¹² Movimentos rebeldes, sediciosos eram tratados como enfermidades a serem extirpadas. A frase utilizada foi cunhada por RAJOL, 1970 (1890), já citada, p. 999-1000.

Há quem eleva a 4 mil a mortalidade dos desconhecidos e não pronunciados, e ao duplo a dos falecidos nos navios de guerra, nos hospitais e nas prisões no tempo do general Andréia. O número total das remetidas para o Sul aproxima-se de mil.¹⁵

Contabilizando os dados, apresentados por Souza Franco, as vítimas somam 15.795 almas;¹⁶ Raiol informa que não é exagero falar em 30 mil homens perdidos pelas forças rebeldes e legais.¹⁷ Incluindo nos cálculos os mortos civis, os números elevam-se consideravelmente, sobretudo porque, segundo Raiol, só escaparam ao “fúror dos malvados”¹⁸ Cametá, Abaeté, Macapá e pequenas povoações do Xingu. Entretanto, a afirmação não significa inexistência de mortes, pois em todos os lugares a defesa de interesses se fez sentir tanto por parte das tropas legais, como pelas tropas rebeldes.¹⁷ Para uma população que não somava 150 mil almas, a depopulação foi um desastre! Some-se à depopulação provocada pelas disputas cabanas, as mortes pela Febre Amarela¹⁸ reinante em 1850. Ainda em 1855, quando chega a Cólera, a Febre Amarela era a segunda causa mortis na Província.

Ao escolher as observações de Raiol sobre a Cabanagem não se procedeu ao acaso, mas premeditadamente. Raiol viveu o período, perdeu parentes e amigos no conflito e escreveu sua obra no calor da hora, ressentido com os acontecimentos. Ninguém melhor do que ele para transmitir a emoção de quem sofreu com as perdas. Assim sendo, as lembranças de Maria e as referências de Raiol,

¹⁵ Cf. SOUZA FRANCO *apud* RAIOL, 1970 (1890), anteriormente referido, Nota 44 p. 1000-1001. Grifos meus. As transcrições são feitas aos documentos. Faz-se ressalva, unicamente, quando a autora introduz algum destaque e/ou esclarecimento.

¹⁶ *Vocabulário coevo*, à época estudada, que significa habitante.

¹⁷ Cf. Raiol, 1970 (1890), já mencionado, p. 1001.

¹⁸ *Ibid.*, p. 1001.

¹⁹ Cf. *Proclamação ao Casamento?* reproduzida por RAIOL, 1970 (1890), já referido, Nota 985 p. 983-985.

²⁰ A população de Belém, à época, somava 16 mil almas, das quais 75% contraíram a moléstia e 5% pereceram em função do evento epidêmico. Sobre o assunto consultar: VIANNA, Arthur. “A Febre Amarela” IN *As Epidemias no Pará*, Belém, UFPA, 1975 (1906). Conferir, também, os Livros de Sepultamento do *Conselho de Saúde* que integram o Fundo da Santa Casa de Misericórdia sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IGHIP), em Belém.

mesmo produzidas em contextos diversos, têm um peso emocional que não se deve desprezar. A emoção indica um contexto de tragédia e, ainda hoje, permeia a memória social dos paraenses.

Não recuperados da guerra, os paraenses enfrentaram sucessivas ondas de epidemia. Evidentemente, na guerra como na peste, os humanos morreram em grandes “carneiradas.”¹⁹ De ambas as tragédias, apenas os ricos tiveram alguma chance de fugir. Durante a revolta Cabana, as elites foram auxiliadas pelas forças internacionais que se posicionavam ao lado das tropas legais. Exemplo disso foi a remoção dos súditos portugueses pela corveta “Eliza”, de bandeira portuguesa, comandada por Izidoro Francisco Guimarães,²⁰ durante a Cabanagem. A missão de Guimarães saído de Lisboa em 15 de abril de 1835 era:

*... prestar para todos os meios ao meu [do comandante] alcance uma franca, generosa e eficaz proteção á segurança individual, propriedades e commercio dos leões subditos de Sua Majestade Fidelíssima [o rei de Portugal], residentes naquella cidade [Belém] e provincia [Grão-Pará].*²¹

A missão logrou êxito e entrou no Tejo, em 23 de outubro de 1835, levando a bordo os súditos portugueses, até então residentes no Grão-Pará.

Durante as epidemias tanto de Febre Amarela, como de Cólera, inúmeros eram os anúncios encontrados no “Treze de Maio”, comunicando a partida de ricos negociantes e estrangeiros que deixavam a Província. Muito provavelmente isto ocorria em função

¹⁹ Em grande número, como carneiros, genceado, mas sem direito a espumar. Informação colhida nas narrativas orais. Segundo os documentos osseos caracterizam são vagas epidêmicas que atingem locais onde impõe a insalubridade e o peso para o seu comportamento pela intemperança.

²⁰ Cf. *Memória Histórica sobre os vários assentos de Belém em nome ao Of. da Secretaria de Negócios da Marinha e Ultramar à Câmara dos Deputados*, datado de 05.04.1836. Fundo Câmara dos Deputados/Papéis da Comissão da Marinha e Ultramar/Cx. 279 sob a guarda do Arquivo Histórico Parlamentar (AHP), em Lisboa.

²¹ *Ibid.*, p. 1.

do medo imposto pela mortandade.²² Contrair cólera, durante a epidemia de 1855, era inquietar-se, era padecer de medo. Perder alguém acometido pela cólera reavivava as marcas impressas na sociedade paraense pelos eventos predecessores, pois as famílias não estavam refeitas das dificuldades impostas pela Cabanagem e pela epidemia de Febre Amarela.

Voltando ao depoimento de Maria e de seus parceiros de infortúnio²³ o medo parece não estar circunscrito às perdas. O registro, a marca das lembranças era a forma de morrer. Morrer ou não de cólera faz diferença! A descrição de Maria parecia, à época, exagerada, mas através das descrições de Marques de Carvalho as tintas utilizadas pela informante tornam-se esmaecidas. Ao observar Jacob, negro africano, de 20 anos de idade, barqueiro, escravo de Nestor Duwal que deu entrada na Enfermaria Nossa Senhora da Conceição, no dia 27 de setembro de 1855, às 10 horas, no Rio de Janeiro, diz o médico:

[s]eu estado era mortal, algido, pelle encarquilhada, voz sumida, sem pulso, agitação horrivel, sêde devoradora, soltura espontanea de liquido branco quasi inodoro, vergava-se constantemente da cabeça para os pés e vice-versa, algumas vezes dava pulso, parecia querer por-se de pé, olhos virados, sumidos, só se via o branco do globo ocular. Falleceu uma hora da tarde²⁴

²² Infelizmente, não se dispõe de fontes muito variadas, como aquelas utilizadas por Evans ao estudar Hamburgo. Em seu trabalho Evans dispõe de bilhetes de trem, registros de hospedarias, listas de casas abandonadas entre tantos outros documentos. No caso estudado se dispõe apenas dos anúncios nos jornais da Província. Não se encontrou nenhuma lista de passageiros das embarcações que deixaram o porto de Belém. Cf. EVANS, Richard John. *Doubt in Hamburg: Society and Politics in the Cholera Years, 1830-1910*. Oxford, Clarendon Press, 1987.

²³ Chama-se *parceiro de infirmitas* ou *parceiro de doença* às pessoas que contraem a mesma enfermidade, acompanhando o doente, tratamento e restabelecimento da saúde, e que, geralmente, utilizam o mesmo espaço de convivência. Os doentes hospitalizados, por exemplo, nomeiam o vizinho de leito como parceiros. As referências culturais do mundo do trabalho e da diversão são transferidas ou tornam-se presentes no momento de sofrimento, afinal dividem os mesmos espaços na saúde e na doença, na alegria e na tristeza.

²⁴ Cf. MARQUES DE CARVALHO, Maximiano de. *Relatório da Cholera Hémorrhagica da Morbua – Clínica da Enfermaria N. S. de Conceição*. Rio de Janeiro, Typ. Imperial, 1856: 25.

Pela descrição depreende-se que a cólera degradava as pessoas tanto por surpreendê-las, como pelos sintomas que, de certa forma, lhes conduzia a uma situação considerada bestial, posto que o colérico perdia o controle sobre si. A cólera atribuía, aos humanos, características animalescas, transformava-os em bestas.

Mesmo que o enfermo não fosse a óbito, os sintomas da cólera eram assustadores. Recorrendo, uma vez mais, a Marques de Carvalho, encontrou-se Antonio, preto africano, escravo de José da Silva Mello, morador da rua da Ajuda, 43, que deu entrada na Enfermaria, no dia 8 de outubro de 1855, às 9 horas:

*... foi atacado violentamente pela cholera, tinha vomitos, colicas e dejeções de materias brancas, arimbras horriveis, algidez extrema, estava sem pulso, voz rouca e sumida, pelle languida, formando grandes dobras com pressão dos dedos, olhos encovados e voltados, o branco para a parte anterior, e outros symptomas de morte; ... Dia 9: ainda vivia, porem moribundo, ... Dia 12: continuavam os symptomas de morte, sem falla, ventre inchado, queixas cerrados, ... até 27 ficou em convalescença, e ás 2 horas teve alta; sahio curado da cholera-morbus com os symptomas mortaes,...*²⁵

As descrições de Marques de Carvalho guardam algo em comum com as lembranças de Maria, apesar dos 136 anos que as separam. A descrição de Maria é dramática. A do médico é filtrada por uma formação acadêmica. Caso a autora não tivesse ouvido e transcrito o depoimento, poderia pensar que Maria leu os apontamentos do médico. Os sintomas descritos pelo médico anunciam a presença de um colérico, mas para Maria eles denunciavam a existência de um morto em vida. Para além da leitura dos sintomas de saúde Maria, acometida pelo sofrimento, produz uma rica interpretação cultural da doença. Parece não ser a morte que a assusta, mas a ameaça de repetição de uma tragédia que impõe ao doente uma morte

²⁵ MARQUES DE CARVALHO, op. cit., 167.

bestializada. O doente parecia um macaco e se encontrava num chiqueiro.

As lembranças da Cólera preservadas pelas narrativas orais apontam para a perda das características humanas dos enfermos. E é, exatamente, a ausência dos atributos humanos que assustava ontem, e ainda assusta hoje. Especialmente porque o alvo da Cólera são os pobres, aqueles que pouco têm para comer que, dificilmente, são socorridos de forma adequada, e que, quando acometidos pela enfermidade, morrem em grande número.

Argumenta-se, a partir do exposto, que o impacto social da Cólera, em Belém, está relacionado às características apresentadas pelos coléricos.

Além das características arroladas, para visualizar as alterações produzidas pela cólera, junte-se a elas o fato de que a decomposição do corpo é tamanha ²⁶... que uma hora depois de ter sido acometido do mal epidêmico violentamente fica reduzido a dois terços do seu peso, seus músculos reduzem consideravelmente...²⁶

Enfermos pela cólera, embora vivos, assemelham-se aos mortos, pois muitos dos sintomas da cólera parecem indícios de morte. “O morto é um ser que estando próximo, está ao mesmo tempo distante;”²⁷ o colérico não escuta quem está próximo; “... manifesta ainda violentas reações de vida...”²⁸ O colérico sua, transpira, exala gases e odores fétidos. Por outro lado, como informa Maria, o colérico é um morto em vida. Ele pertence a este mundo, mas não responde aos apelos de seus pares; ele assombra e inibe as manifestações de solidariedade, pois permanece sujo e repulsivo, desqualificado pela impureza.²⁹

A seguir, listam-se as características das pessoas acometidas pela enfermidade (Quadro 1) de acordo com as descrições freqüentemente encontradas nos jornais, nos documentos e na literatura coeva aos acontecimentos de 1855.

²⁶ MARQUES DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 13.

²⁷ CÉ RODRIGUES, José Carlos. *Tubo de Morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983: p. 67.

²⁸ *Ibid.*, 1983: p. 67.

²⁹ Sobre as noções de pureza e perigo, recorrer a DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1976.

QUADRO 1
CARACTERÍSTICAS DE COLÉRICO*

Área do corpo ou ocorrências	Aparência
Pele	fria, lívida, azulada, arroxeada, pardacenta, enrugada
Sono	inquieta, interrompido por gemidos
Olhos	entreabertos, encovados, cercados por círculo preto, escuro
Ouvidos	moídos, a ponto de "não dar fé de ninguém"
Nariz	frio, entupido, com coriza
Rosto	pálido, amarelado, fisionomia decomposta, espantada, aterrada
Dentes	sangrando
Queixo	cerrado
Boca	fétida, hálito azedo
Garganta	seca, pigarreando, fechada não permitindo engolir
Apetite	sem paladar, com sede
Estômago	sensível, exalando arrotos azedos, provocando vômitos contínuos de comidas, mucosidades e bilis com aparência de água de arroz
Ventre	cólicas, câibras, apresentando solturas avermelhadas ou brancas
Urina	vermelha e expelida às gotas
Regas	suspensas ou aparecidas estemporaneamente
Peito	apresentando dor pericardial
Tronco	com sinais de abatimento e dor de pisadura, apresentando suores frios, convulsionado
Braços	curvados, fletidos pela câibra
Mãos	entorpecidas e frias
Unhas	roxas
Pernas	fletidas com câibras

Como afirma Delumeau, "comumente, a doença tem ritos que unem o paciente ao seu círculo; a morte, ainda mais, obedece a uma liturgia..." (1993: 123).²⁰ Mas enfermos e mortos durante uma epidemia,

* Informações retiradas das cartas enviadas ao "Trece de Maio" durante a epidemia, secundadas por MARQUES DE CARVALHO, já referido, 1856; SILVA CASTRO, Francisco da. "Aparências para a História do Cholera-Morbus no Pará em 1855". In: *Journal Geogr. Belém, Edingola*, 1981 (1855); e VIANNA, Arthur. "O Cholera-Morbus". In: *As Epidemias no Pará*. Belém, UPPA, 1975 (1906). Os negritos correspondem tanto às características de coléricos com vida, como de pessoas mortos/malviveres.

²⁰ DELUMEAU, Jean. *História de Afrele no Ocidente – 1300-1800 uma cidade atada*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

sobretudo de cólera, enfrentavam condições insustentáveis de horror. Muitas vezes deixavam de ser cuidados, velados e, até, enterrados.

As epidemias, especialmente de Cólera, no passado e no presente eram/são eventos dramáticos. O evento provoca uma crise, esgarçando demasiadamente o tecido social, pois mata um número considerável de pessoas e, antes de matá-las, retira-lhes as características humanas. Morrer de cólera é sempre dramático, no passado as artes de curar não possuíam ferramentas capazes de debelar a epidemia e, no presente, as políticas públicas são ineficientes, não conseguem impedir a penetração da Cólera, pois não se investe em saneamento básico. Portanto, Maria(s) e José(s) continuam tendo razões para temer a Cólera. Até quando? Não se sabe.

REFERÊNCIAS

Fontes manuscritas citadas

Arquivo Histórico Parlamentar/Assembleia da República – Lisboa/Portugal
Fundo: Câmara dos Deputados
Papéis da Comissão da Marinha e do Ultramar
Caixa 278/Documento No. 32/Promoção do Capitão de Mar e Guerra Izidoro Francisco Guimarães.

Instituto Histórico e Geográfico do Pará - Belém/Pará/Brasil
Fundo: Santa Casa da Misericórdia
Livros de Sepultamento do Cemitério da Soledade: números 5, 6 e 7

Fontes impressas citadas

MARQUES DE CARVALHO, Maximiano de. *Tratamento da Cholera Hémorrhagica de Morbus – Clínica da Enfermaria N. S. da Conceição*. Rio de Janeiro, Typ. Imperial, 1856.

RAYOL, Domingos Antônio. *Motivos Políticos ou História dos Principais Acasos e Incidentes Políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém, UFPA, 1970. (1890).

SILVA CASTRO, Francisco. "Apostamentos para a História do Cholera-morbus no Pará em 1855". In: *Família Castro*. Belém, Falingola, 1983 (1855).

BIBLIOGRAFIA

BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, flagelo da Belém do Grão-Pará*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1999, mimeo.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Cia. de Letras, 1995.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente – 1300-1800 uma cidade assada*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

- DOUGLAS, Mary. *Prosa e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- EVANS, R. J. *Death in Hamburg: society and the cholera years, 1830-1910*. Oxford, Clarendon Press, 1987.
- NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. São Paulo, Ateliê Editorial/Giordano, 1999.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tábua da Morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trindades da Casa – As diferentes medicinais no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas, Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1995, mimeo.
- THOMPSON, E. P. "La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII: ¿ Lucha de Clases sin Clases?" *Iv: Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Critica, 1979.
- VIANNA, Arthur. "O Cólera-Mórbus" IN *As Epidemias no Pará*. Belém, UFPA, 1975 (1906).
- WEBER, Beatriz Teixeira. *As Artes de Cuidar: Medicina, Religião, Magia e Psiquismo na República Rio-Grandense – 1888/1928*. Campinas, Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, 1997, mimeo.